

# Interpretação literal do argumento do bem supremo em Aristóteles: uma saída para a falácia do menino e da menina



UFRGS  
PROPESQ

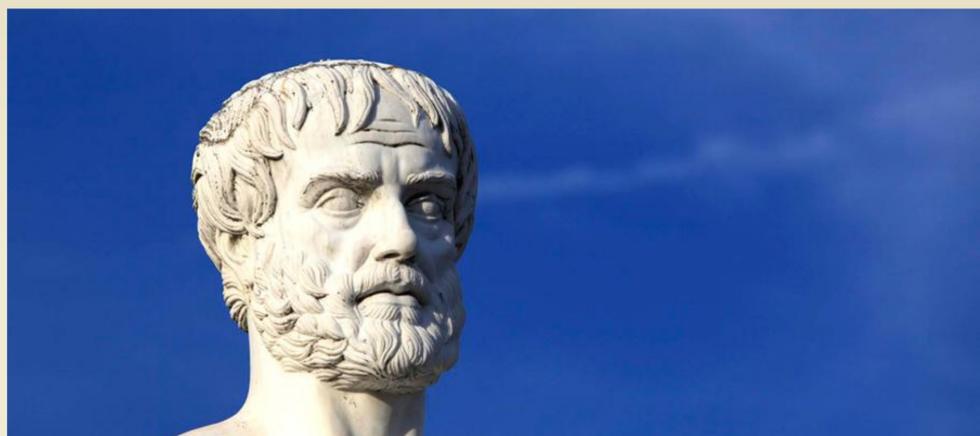
XXV SIC  
Salão Iniciação Científica

CH - Ciências Humanas

ALINE SILVEIRA<sup>1</sup>, PRISCILLA TESCH SPINELLI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Aline Silveira, aluna do 6º semestre de Filosofia, UFRGS;

<sup>2</sup>Priscilla Tesch Spinelli, professora doutora orientadora, UFRGS.



## INTRODUÇÃO

Uma das questões mais discutidas entre os comentadores de Aristóteles gira em torno do que o Filósofo pretendia fazer ao iniciar sua *Ética Nicomaqueia* com a introdução da ideia de bem supremo. O capítulo 2 do primeiro livro parece iniciar com uma falácia.

## METODOLOGIA

Justificar, através de uma leitura alternativa, que a falácia de qual Aristóteles é acusado não existe, além de demonstrar por que essa nova interpretação é mais vantajosa.

## REFERÊNCIAS

- ❖ ARISTÓTELES, *The Nicomachean Ethics*, Oxford University Press, 1998;
- ❖ GEACH, P. T., *Logic Matters*, Basil Blackwell Publisher, 1972, p.1;
- ❖ VRANAS, P. B., "Aristotle on the Best Good: Is Nichomachean Ethics 1094a18-22 Fallacious?"



“Suponha, então, que [A] as coisas alcançáveis pela ação têm algum fim que desejamos por ele mesmo, e em vista do qual nós desejamos as outras coisas; e que [B] nós não escolhemos tudo por causa de alguma outra coisa – porque se assim fizéssemos, isso continuaria sem limite, e então esse desejo provaria ser vazio e fútil; claramente, [C] esse fim será o melhor bem.”

(EN I, 2, 1094a18-22)

A passagem acima é objeto de análise neste trabalho, visto que nela está a suposta falácia de qual Aristóteles é acusado. Tal falácia consistiria em dizer que [B] serve para provar [A]: se [B], isto é, *nós não escolhemos tudo por causa de alguma outra coisa*, então o Estagirita concluiria que [A], *as coisas alcançáveis pela ação têm algum (um único) fim que desejamos por ele mesmo e pelo qual nós desejamos as outras coisas*. Isso tudo levaria a [C], que afirma que um determinado bem é o melhor de todos. A falácia estaria em tomarmos [B] como necessariamente implicando [A], do qual conseqüentemente se afirma [C]. Geach afirma que do mesmo modo que de *todo menino ama uma menina* não se pode necessariamente concluir que *todo menino ama uma mesma e única menina*, o pai da Lógica aqui errara ao concluir que *há um único (e melhor) fim que desejamos por ele mesmo* porque *nós não desejamos tudo com vistas as outras coisas*.

Apoiando-me nos argumentos de Peter Vranas em seu artigo “Aristotle on the Best Good: Is Nichomachean Ethics 1094a18-22 Fallacious?”, pretendo mostrar que tal falácia não existirá se for feita uma leitura literal do trecho citado acima. Para isso, serão brevemente apresentadas as versões hipotética e não-hipotética da interpretação literal da passagem, com seus prós e contras, a fim de contrapô-las à uma versão intermediária, evidenciando por que essa última parece ser uma nova interpretação possível e adequada ao que Aristóteles pretendia. Grosso modo, pode-se definir a versão hipotética como aquela em que o Filósofo inicia o argumento como se [A] fosse uma hipótese que precisará ser posteriormente provada, enquanto que, na interpretação não-hipotética, defende-se que Aristóteles já tinha seu objetivo definido, isto é, toma como dada a existência de um único bem supremo. Como as interpretações hipotética e não-hipotética dominam as discussões entre os comentadores, pretendo evidenciar que uma versão intermediária como a de Vranas também é possível e merece lugar de destaque.

Da versão intermediária, também será demonstrada a dedução de um teorema criado por Vranas, que mostra que [A] e [B] tomados junto e respectivamente como fim universal e fim não-instrumental há de se concluir [C], isto é, um único melhor bem.



MODALIDADE  
DE BOLSA

VOLUNTÁRIA